

ÚLTIMO DOMINGO DO ANO DA IGREJA

TEXTO: MATEUS 25.31-46

Sl 95.1-7^a: É o Salmo que cantamos em nossa Ordem das Matinas, o *Venite*. Este Salmo é um convite para que louvemos o Deus que nos salvou. O verso 3 se faz especial em relação ao texto de Mateus, onde canta-se: “Porque o Senhor é o Deus supremo e o grande Rei acima de todos os deuses.” Deus é o Rei sobre todas as coisas, ainda assim, seu reinado é gracioso e amoroso para conosco. Em resposta a esse amor, podemos louvá-lo e aceitar o convite do salmista: “Venham, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor, que nos criou. Ele é o nosso Deus, e nós somos povo do seu pasto e ovelhas de sua mão.”

Ez 34.11-16,20-24: Neste texto há a menção de que o pastor do rebanho separará as ovelhas umas das outras, imagem evocada por Jesus no texto de Mateus, onde ele separará as suas ovelhas dos cabritos. Acima de tudo, o centro do texto é a passividade da “ovelha” no processo de resgate, pois quem a busca, protege, alimenta, dá descanso e cuida dos ferimentos é o próprio Pastor. Há uma relação direta com o que o crente receberá quando estiver ao lado do Bom Pastor Jesus.

1Co 15.20-28: Neste texto, Paulo cita Adão como o grande responsável para que a morte tenha entrado em nosso mundo. Jesus, por outro lado, é aquele que é o Adão perfeito, o que traz consigo a vida eterna, através da ressurreição. É ele quem já “feriu fatalmente a morte”, garantindo que, no Dia do Juízo, quando os crentes ressuscitarem, a morte finalmente será vencida e destruída completamente.

Mt 25.31-46: Aqui há a ilustração do Juízo Final, onde o Rei irá separar o seu rebanho de ovelhas daqueles que são cabritos, fazendo uma ilustração entre os que creem nele (ovelhas) e com os que são rebeldes e que tiveram seus corações endurecidos para a mensagem de Salvação (cabritos).

Como estamos no último domingo do ano eclesiástico, o que salta aos olhos é o caráter escatológico dos textos deste domingo. Tendo em vista a explicação de Lutero de que a Igreja é composta pelas “ovelhinhas que ouvem a voz do Bom Pastor Jesus”, estes textos trazem o momento em que o Pastor irá, finalmente, chamar todo o seu rebanho para junto de si, na eternidade. Onde a morte, o diabo e os maus serão afastados e punidos por suas ações e

os cristãos, em contrapartida, serão recompensados... não por seus atos, mas por sua fé em Cristo.

Um olhar sobre Mt 25.31-46:

Neste trecho está contida a última das parábolas de Jesus sobre as coisas do fim, que começa no capítulo 24. Logo após proferir esta parábola, o plano de salvação tem seu ponto crucial em curso: Jesus será preso e morto, garantindo, assim, que todas estas coisas que ele mencionou em seu discurso escatológico venham a acontecer.

Vs. 31 – “*Filho do Homem*” é o título cristológico mais usado por Jesus. À primeira vista, pode se pensar que tal título se refere à sua humanidade. No entanto, embora possa ter este elemento (afinal, significa “O Homem”), dentro do contexto bíblico, ele aponta especialmente para a divindade e majestade de Jesus. Veja Daniel 7.13:

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite. E eis que vinha com as nuvens do céu alguém como um filho do homem. Ele se dirigiu ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado o domínio, a glória e o reino, para que as pessoas de todos os povos, nações e línguas o servissem. O seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído.” (NAA)

Assim, antes de mais nada, ao Filho do Homem é guardado o poder, a majestade e o domínio sobre todas as coisas. E fica evidente logo mais, no verso 34 de Mateus, quando o Filho do Homem é chamado de Rei, assentando-se no trono da glória, algo que não fica evidente na profecia de Daniel citada acima.

Vs. 32 – “*Todas as nações*” remonta à profecia de Daniel. No entanto, aqui não haverá o “serviço”, mas a separação das pessoas. A figura do pastor de ovelhas como juiz já aparece no texto do AT para o dia, Ezequiel 34.17: “Quanto a vocês, minhas ovelhas, assim diz o Senhor Deus: ‘Eis que julgarei entre ovelhas e ovelhas, entre carneiros e bodes.’”

Vs. 33 – As *ovelhas e cabritos* não serão necessariamente julgados nesse dia, mas sim, separados. Algo que pode ser relacionado com o fato de que, no Dia do Juízo, não haverá mais a possibilidade de recorrer à corte nem de apelar em qualquer instância, mas a sentença já estará dada de antemão (como virá logo mais), lembrando o texto de João 3.18: “Quem nele crê não é condenado; mas o que não crê já está condenado, porque não crê no nome do unigênito Filho de Deus.” Ou seja, no dia derradeiro haverá uma promulgação pública da sentença previamente dada pelo Rei.

Vs. 34 – Jesus não se autodenominou Rei em nenhum momento antes e não o fará depois. Embora ele não proteste quando Pilatos lhe dá esse título, aqui ele diretamente

relaciona o “Filho do Homem” com o “Rei”. Como lembra Tasker (2010), isso se deve ao fato de que Jesus não queria causar confusão em relação às expectativas messiânicas do povo, que aguardava o rei terreno, um libertador político.

Curiosamente, o malfeitor na cruz “percebeu” o Rei isso antes dos próprios discípulos de Jesus, ao dizer “lembre-se de mim quando você vier no seu Reino” (Lc 23.42).

“*Benditos / Abençoados*”: εὐλογημένοι é um verbo no particípio perfeito passivo e, como tal, fala de uma ação que aconteceu anteriormente e foi concluída, cujos efeitos são sentidos naquele momento. Isto é, o foco está no resultado da ação em si: “as ovelhas são e permanecem abençoadas/benditas” pelo Pai.

“*Herdar*”: O uso deste termo indica que, assim como um filho não herda as coisas do seu pai por mérito próprio, no caso das “benditas ovelhas” acontece o mesmo: herdar o Reino não depende de seus méritos, mas do relacionamento salvífico com o Rei.

“*Preparado*”: Novamente temos o uso de um particípio perfeito: ἡτοιμασμένην. Isto indica que o Reino já estava preparado e, de certa forma, já havia sido dado a eles, lembrando que este tempo verbal aponta para uma ação concluída no passado cujos efeitos são sentidos hoje.

“*Fundação do mundo*”: Aqui reafirma que o julgamento em si não acontece diante do tribunal do fim dos tempos, mas já estava previamente dada. Este texto nos remete à Efésios 1.4, onde Paulo discorre sobre a doutrina da Eleição pela Graça, dizendo: “Antes da fundação do mundo, Deus nos escolheu, nele [em Cristo], para sermos santos e irrepreensíveis diante dele.”

Vs. 35 e 36 – “*Porque estive*”: Esse “porque” liga as ações listadas àqueles que são os “benditos” do verso 34. Ou seja, fazer estas coisas é próprio daqueles que estão neste estado de benção.

Ao contrário do que possa parecer, este trecho não defende a salvação pelas obras. Pois, como dito antes, as “ovelhas” herdaram a salvação como um presente gracioso. O que estes versos demonstram é que, uma ovelha *age* como ovelha. Isto é, alguém que é justificado e salvo, demonstra isso em suas ações e modo de vida. As boas obras não são *para que* Deus nos ame, mas acontecem *porque* Deus nos ama. Assim, queremos refletir e partilhar esse amor com os “pequeninos”.

Vs. 37, 38 e 39 – “*Perguntarão*”: De certo modo, estas boas obras mencionadas devem ser tão naturais aos cristãos que sequer saberão em que momento exato elas aconteceram.

Cabe ressaltar que a “*hospedagem*” foi especialmente relevante quando muitos missionários cristãos fizeram uso dela (At 16.14-15, 17.5/9, etc.). Idem ao “*estar preso e ir visitar*”, visto que muitos cristãos primitivos foram presos por causa do Evangelho (At 5.18, 12.3-4, etc.).

Vs. 40 – Aqui os fiéis descobrem que, toda vez que serviram a um dos “*pequeninos*” foi ao próprio Mestre Jesus, o Rei, que serviram.

Há uma tentação grande de conduzir a temática do versículo para a prática das boas obras para com aqueles que estão em situação de vulnerabilidade social em nossos dias. No entanto, no contexto do Novo Testamento, os pequeninos são, de fato, os discípulos de Jesus que, ao receberem o chamado à proclamar o Evangelho do Reino, passaram por sofrimentos, fomes, perseguições e prisões. Isto é, cada vez que alguém acolhia e servia um destes pequeninos, através de sua mensagem, recebia próprio Jesus.

Vs. 41 – “*Preparado*”: o fogo eterno, inicialmente, era destinado apenas ao diabo e seus anjos que se rebelaram contra Deus. A humanidade, que fora criada em santidade e perfeição, não havia sido feita para ter tal destino. Infelizmente, diante da desobediência do ser humano, a perdição passa a ser uma realidade para os que não creem em Jesus.

Vs. 42-45 – Em oposição ao primeiro grupo, a omissão do cuidado aos pequenos revela a falta de fé. Isto é, no fim, a condenação não vem pela falta de boas obras, mas por não terem recebido em seu coração a mensagem do Evangelho, sintomaticamente, isto os impedia de amparar e acolher os pequeninos (como um “*círculo vicioso*”). A omissão só é grave a ponto de condenar ao fogo eterno pelo fato dela estar acompanhada e ser motivada pela descrença em Cristo.

Vs. 46 – “*Justos*”: Esta palavra tem um valor profundo quando olhamos para a o Novo Testamento. Toda a soteriologia cristã deve estar baseada na doutrina da Justificação pela Fé. Isto é, olhando para a linguagem forense usada por Paulo em Romanos e levando em conta o texto de Mateus 25, nada poderia desenhar melhor este cenário:

Estaremos diante do Juiz e este dirá para cada um de nós:

- Venham filhos meus. Vocês estão salvos, pois são justos.

Poderemos perguntar:

- Mas como assim? O que fizemos para merecer isso? Minha vida foi como um trapo de imundície...

Então o Juiz dirá:

- Eu não estou olhando para sua justiça ao dizer isto, mas para a dele. (apontando para Jesus).

O que eu pregaria?

Ilustração: Uma ideia que apavora muita gente, até mesmo com base em passagens como a de Mateus, é a de que o Grande Julgamento será em forma de um júri, com promotores, defesa, apelação, etc. Nesta visão, muitos acrescentam a ideia de que lá as nossas boas e más ações serão julgadas e punidas de acordo com sua importância. Para piorar, cada erro e cada pecado será exibido num telão, diante de todos os presentes.

Para desmistificar isso, o pregador pode expor que as pessoas, em Cristo, já estão julgadas. As que são condenadas, o são por causa da descrença. Quem creu, é salvo pela sua fé. O julgamento, então, apenas será uma declaração pública do que já estava decidido antes.

Para usar de um recurso digital didático, o Datashow, o pregador pode dizer que sim, as pessoas serão julgadas por suas ações: os descrentes terão de se basear em suas boas obras (pode parecer imagens de pessoas fazendo coisas boas e más), mas os cristãos serão julgados por ações... que não as dele, as de Cristo. E, em vez de mostrar no telão ações humanas, pode mostrar as ações de Cristo, culminando com a sua cruz.

E, mesmo não sendo o Domingo do Bom Pastor, pode ser lembrado que, para ser ovelha do Pastor Jesus, é só ouvir a sua voz ainda que ela seja proclamada por maltrapilhos, esfomeados, forasteiros e presos.

Rev. Jordan Gowert Madia